

Elementos para a construçom do imaginário galego através de alguns produtores e produtos literários de galegos no Brasil (1970-1990)

M^a CARMEN VILLARINO PARDO

Universidade de Santiago de Compostela-Galabra

1. NÉLIDA PIÑON E A SUA *REPÚBLICA DOS SONHOS*

Descendente de imigrantes galegos, a autora carioca entra no campo literário brasileiro em 1961 com o romance *Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo*. Durante anos foi umha escritora que ocupou posiçoms mais ou menos periféricas no sistema literário brasileiro até inícios da década de 1980, apesar de ter conseguido algum prémio da crítica brasileira, de ver traduzidos alguns textos para o espanhol e de ter publicados, na altura de 1980, nove livros (romances, contos e novelas). Depois de *O calor das coisas* (1980) e como já vinha sendo habitual com os seus textos anteriores, *A República dos Sonhos* nom aparecia de repente no mercado editorial brasileiro em agosto de 1984 na 8^a Bienal do Livro de SP¹ (R. Miranda, *Jornal do Brasil*, 21/8/84), porque

¹ Ángel Rama, ao tratar este assunto para os escritores latino-americanos do «boom» e do processo de profissionalizaçom explica bem que implica o «lançamento» de umha obra –por isso incluimos, apesar da extensom– (Rama, 1981: 31), como entendemos que pode ser este de *A República dos Sonhos*. O assunto que fica em discussom é a autonomia/heteronomia do produtor literário em relaçom ao mercado e ao campo do poder:

«El interés de los narradores tuvo como norma el legítimo deseo de poder transmitir su mensaje personal y, en una cuota no desdeñable, la de publicitarse para conquistar al público que querían para sus principales mensajes, es decir, sus obras literarias bajo forma de libros. Aquí son perceptibles los múltiples trabajos a que se ve constreñido este empresario independiente y se ve que no son las editoriales ni los agentes quienes son capaces de descargarlo de obligaciones: no solo está a su cargo la producción, sino también la publicidad de ella, al menos en ese indispensable margen para que el público lejano se entere de su existencia. Lo que las editoriales llaman pomposamente el ‘lanzamiento’ de un libro es un trabajo que en buena parte recae sobre el mismo escritor que debe aceptar entrevistas, aparecer en la televisión, firmar ejemplares y cumplir con diez compromisos de los cuales habría preferido no sufrir nueve. En otros términos, este ‘empresario independiente’ no lo es mucho: no solo atiende a las fluctuaciones del

a autora já se encarregara, através dos *mídia*, de despertar o interesse do público antes do lançamento pola Francisco Alves.

1.1. Materiais do repertório seleccionados por Nélida Piñon em *A República dos Sonhos*

Os assuntos que trata o romance falam de realidades bastante próximas para um leitor brasileiro de formação cultural nom especialmente erudita. Ao escolher o entrecruzamento da história galega e da espanhola com a brasileira, a escritora introduze umha perspectiva nova num tema que vinha despertando a curiosidade do público brasileiro (especialmente) a partir da década de 1970: a história recente do país. A autora escolhe um material repertorial priorizado na altura, o tema histórico, mas através de um olhar diferente, o de alguém que vêm de fora: *o imigrante*.

Também é verdade que nom é Nélida Piñon a primeira autora brasileira que escreve umha história de imigrantes ou em que estes tenham algumha presença. Porém, no conjunto do sistema literário brasileiro, a escolha deste material repertorial (o tema da imigração galega) caracteriza já de por si o livro da autora carioca, que, ao longo da sua carreira literária, mostra umha série de «obsessões» (em geral ligadas ao repertório) que aparecem umha e outra vez nos seus livros e intervenções. De entre elas destaca a preocupação polo Brasil e a Galiza, manifesta de modos diversos.

2. A IMAGEM DA GALIZA TRANSMITIDA POR ALGUNS ESCRITORES BRASILEIROS

Nélida Piñon nom é a única autora brasileira a tratar o tema galego, pois também a poetisa Stella Leonardos em poemas do seu livro *Amanhecência* (1972) lembra a tradição trovadoresca galego-portuguesa, como também outra poeta, Hilda Hist, na obra *Trovas de muito amor para um amado senhor* (1960) *Contos de escárnio* (1990). E mais ainda, nos últimos anos a Galiza é divulgada e conhecida no Brasil (cfr. Maleval, 1999) polo seu esplendor medieval² (especialmente através da produção da lírica

mercado sino incluso a los modos de penetración en él. Por un lado u otro, su recién conquistada autonomía profesional, tan codiciada o envidiada en lejanas tierras, implica una visible restricción de su libertad y una integración dentro de mecanismos cuyas ruedas pueden fácilmente triturarlo».

No caso concreto de N. Piñon, é um sintoma mais de que a sua posição no campo literário brasileiro é cada vez mais heterónoma.

² As referências histórico-sociais que oferecem muitos destes textos, incluídos também os nelidianos, levam-nos a falar de uma «mitificação do tempo» (em paralelo à que se percebe também nos espaços seleccionados para esse tratamento do assunto galego). Cfr. Machado/Pageaux (1988: 68).

trovadoresca) e pelo seu lado mais místico, o do Caminho de Santiago, que focaliza Paulo Coelho em *O diário de um mago* –1987– (Villarino, 2001). El fijo esquecer a muitos a referência da cantora Baby Consuelo, que mencionava o Caminho na década de 1970 numha célebre canção sua³.

Essa presença é maior nos poemas do escritor de origem galega *Reynaldo Valinho*, que ocupa umha posição menos central no conjunto do campo literário brasileiro, mas umha posição bastante prestigiada pola comunidade galega no Rio de Janeiro.

Mas de todos eles, talvez só Paulo Coelho (pola maior repercussom social da sua obra e das suas palavras) consiga desligar um pouco o monopólio (sem nengum tipo de conotação pejorativa) que existe entre Nélida Piñon e Galiza-Brasil. A autora carioca parecia ser a única ponte literária e cultural entre um e outro lado do Atlântico nos últimos anos. Se bem que a tradição da lírica medieval galego-portuguesa esteja presente para muitos brasileiros, especialmente no mundo académico, o mundo galego parece reduzir-se aqui a essas referências ligadas com o esplendoroso passado medieval e com as levas de imigrantes que chegaram ao país procedentes da longínqua Galiza, na virada do século XIX para o XX. De modo que a imagem de umha terra pequena, com enormes similitudes lingüísticas e culturais com o Brasil de marcadas raízes portuguesas, fica reduzida a épocas passadas diluídas no nevoeiro histórico e popular, a umha cidade que parece resumi-la (Santiago de Compostela) e a clichês que falam de pessoas mui trabalhadoras, que abandonárom a sua terra para tentar prosperar e que, por vezes, parecem dedicar-se unicamente ao trabalho.

Por quê esse interesse por transmitir essa imagem da Galiza? Coincidimos com os críticos Daniel-Henri Pageaux e Álvaro Manuel Machado (Machado/Pageaux, 1988: 59), estudiosos da imagem do estrangeiro e, em geral, do Outro, através da literatura e dos imaginários sociais (*imagologia*), em que:

³ Também o conhecido cantor brasileiro Carlos Lyra inclui no seu disco de 1994, *Carioca de Algema*, umha canção da sua autoria intitulada «Caminho de San Thiago», que nom tivo a repercussom da de Baby Consuelo. NP- A Galícia para mim é uma referência forte, poderosa, porque ali está a minha gênese. Mas a Galícia me serve, fundamentalmente, para eu poder entender o Brasil. De nada me vale entender essa parte da minha origem, se ela não fecunda o meu entendimento brasileiro. Termina sendo para mim um pretexto. Acho que o Brasil é um país invadido por essa influência ibérica e sobretudo pela presença galega. Mas gostaria de tratar esse tema levando em conta que, através dessa visão galega, eu posso interpretar meu país. O Brasil é o meu destino, é o meu território do mítico. Onde eu vejo a História ganhando uma versão contrariada por outras versões. Não há uma versão única da História. A História é aparentemente documental, porque atrás dela há uma realidade visível e uma realidade invisível. Eu digo como ficcionista. Neste sentido, para mim, eu usei a Galícia como um grande pretexto».

o estudo da imagem leva à determinação das linhas de força que regem a cultura, quer de um escritor, quer de um grupo social, quer de um país, nos seus representantes letrados: o estudo das imagens é, conseqüentemente, indissociável daquilo a que chamamos história das ideias, das mentalidades, digamos mesmo das sensibilidades.

2.1. A Galiza como material repertorial priorizado nos textos de Nélide Piñon

Bem no papel de imigrantes no Brasil que nom esquecem as suas raízes galegas (*A República dos Sonhos*) bem como umha jovem brasileira à procura das suas raízes («Finisterre», *O Calor das Coisas*), bem como umha Imperatriz afastada da realidade (*Tebas do meu coração*), bem como sonho de muitas viagens peregrinas a Santiago de Compostela (*Fundador*), bem como terra dos seus antepassados, bem como lugar de costumes ancestrais, bem como pátria celta..., a Galiza aparece em boa parte das obras da autora carioca⁴.

Essa presença galega nom passou despercebida para a crítica nem para as pessoas brasileiras que se debruçárom de modo atento sobre a obra de Nélide Piñon. Artigos⁵ e comunicações para congressos⁶ som os trabalhos mais freqüentes, e, como responsáveis, é habitual encontrar sempre as mesmas pessoas (e também no caso de algumas dessas críticas em relação a autores como Reynaldo Valinho)⁷. Em geral –e na altura de publicação dos trabalhos– quase todas professoras universitárias e com umha ligação estreita com a autora carioca, e umha presença mui ligada ao Núcleo de Estudos Galegos da UFF, hoje também na UERJ (coordenado pola professora Maleval), que contou com a presença de N. Piñon em várias ocasiões. O facto de

⁴ A pergunta esperada é formulada pola jornalista Lêda Rivas no *Diário de Pernambuco* ({DP} Recife, 12/10/84, p. 1, «Nélide Piñon no Recife: «A literatura me deu acesso ao coração dos outros»), e que reproduzimos, junto com a resposta, apesar da sua extensom:

DP- Mais do que uma referência ego-sentimental, se se pode dizer assim, a Galícia tem sido, em toda sua obra, uma parte de seu corpo, de sua alma, quem sabe, metade do seu coração. Não lhe parece estranho que, sendo a presença galega tão forte entre nós, ela seja tão pouco projetada pelos nossos intelectuais? E que tão pouco se saiba, no Brasil, do que acontece na Galícia?

⁵ Aguiar (1998: 117-132); Campos (9/3/85: 5); Vieira (1991: 327-336); Nascimento (1990: 22-24); Nascimento (1992, 60-74); Porto (1995: 177-182); Rocha (1995, 163-168); etc. O Núcleo de Estudos Galegos da Universidade Federal Fluminense (UFF) dedicou bastante atençom através das suas publicaçoms à presença da cultura galega no panorama literário brasileiro, incluindo também algum trabalho de Nélide Piñon: «Galicia (extractos dunha improvisación)» –trechos do discurso de ingresso de N. Piñon na Academia Brasileira de Letras–, in Maleval (org.) (1995: 183-185); N. Piñon, «Memória da viagem», in Maleval (org.) (1998: 9-16), onde lemos o Discurso pronunciado por esta escritora no acto de posse como Presidenta da Academia (Rio de Janeiro, 12/12/96)

⁶ Maria Alice Aguiar (1992, 387-394); Secco (1993, 345-350); etc.

⁷ Os nomes de Maria Alice Aguiar (UERJ), Diva Vasconcellos da Rocha (UFF), Dalma Nascimento (UFRJ), Maria do Amparo Tavares Maleval (UFF, UERJ) e Carmen Lúcia Tindô Secco (UFRJ) aparecem estreitamente ligados à análise dessa presença galega na obra nelidiana.

analisarem essa ligação entre o Brasil e a Galiza na obra nelidiana e de outros autores vinculados com a Galiza, também favoreceu a participação de várias delas nalgum congresso internacional celebrado na Galiza e organizado pela Associação Galega da Língua (AGAL). De modo que se percebe umha *certa homologia* entre a posição ocupada pela autora do Rio de Janeiro e determinado tipo de crítica (académica), de modo geral feminina e de universidades cariocas, que ganhárom presença e um nome de destaque em determinados círculos, à medida que o prestígio da escritora também aumentava.

Se, como indicámos, essas som as escassas referências que um leitor médio brasileiro pode encaixar no retrato que tem da terra dos antepassados de Nélda Piñón, a autora de *A República dos Sonhos* trabalha com elas e nom as trai, antes as alimenta e nutre para as dignificar e, com elas, o seu trabalho; deste modo, valida também umha imagem colectiva que prenda um maior número de pessoas, possíveis consumidores do texto. E vai servir-se delas nom só em *Tebas do meu Coração*, mas também em *A força do destino*, *O calor das coisas*, e sobretudo, em *A República dos Sonhos*⁸, e mais recentemente em *O pão de cada dia*.

Em *A força do destino*, por exemplo, a única menção à Galiza repete as referências habituais doutros textos: umha terra «remota», húmida, marítima, com um «povo rústico» e «povoada de lendas». Até agora, o leitor das obras nelidianas tem no seu imaginário um retrato que oferece uma imagem «exótica» para o habitante de um país de «só quinhentos anos» e marcado pola etnicidade múltipla. E o esboço apura os seus contornos e perfil a cada livro, sendo o conto «Finisterre» e o romance de 1984 o retrato já amadurecido, mas na mesma perspectiva e com a mesma fotografia de fundo. Umha fotografia que ficou na retina da autora carioca quando viajou pola primeira vez à Galiza e que pouco mudou com as viagens posteriores. A Galiza rural, a imagem de um povo atrasado e que vive das tradições celtas que renova através dos visitantes que chegam polo Caminho de Santiago, e que parece alimentar-se do passado e das lendas, onde nom aparecem as cidades que se modernizam, nem os novos centros culturais, nem os índices do progresso tecnológico e industrial; onde o imigrante é quase o protótipo de galego, ou entom alguém que é um retornado da aventura ultramarina ou que suspira por fazê-la... Se os clichês ou os estereótipos funcionam habitualmente para um europeu, que vê com frequência o Brasil como umha terra

⁸ Isso sem mencionarmos outro livro que é bastante mais recente e fica fora do nosso objecto de estudo neste trabalho, *O pão de cada dia* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994). Um livro constituído de «Fragmentos», como o subtítula a própria autora, onde as referências a Santiago —a cidade, o Pórtico da Glória, as peregrinações...—, e a aspectos da Galiza rural (a matança do porco, os ‘velhos narradores’, algumas vilas...) estão bem presentes.

exótica pelo estranhamento que no seu olhar produzem alguns hábitos próprios dos trópicos e de umha cultura tam rica quanto a procedências, também para um brasileiro os índices ‘galegos’ que encontra nas obras de Nélida Piñon podem causar o mesmo efeito. E até diríamos mais, a escolha desses materiais conformando o repertório que a autora carioca define a cada obra, e que som umha amostra da sua *tomada de posição* nesse momento, mostra umha escritora consciente do efeito que quer produzir. Essas escolhas autorais tenhem implicações importantes à hora de fabricar e analisar umha série de ideias e de imagens sobre o estrangeiro, tanto da parte de quem as produz como de quem as olha, lê ou analisa através de um produto cultural, artístico ou literário.

Se o rosto branco da filha de Carmen Cuiñas e Lino Piñon destoa do geral entre as brasileiras (Van Steen: 1982, II: 192) também a escolha da vertente repertorial galega (temas, espaços, personagens...) *individualiza esta escritora entre outros colegas de ofício e mesmo entre os leitores*, que vem a sua obra como legitimadora da própria autora por ter origem galega e de um sector da população brasileira com as mesmas referências que ela⁹, mas nom se sentem reflectidos em muitas das suas preocupações e propostas que os fariam viajar culturalmente ao noroeste da Península Ibérica. Precisamente, N. Piñon procura colocar essas referências tentando mostrar que o, inicialmente ‘estrangeiro’ (neste caso o galego e mesmo o espanhol), nom é tanto como pode parecer; esse Outro é, da sua perspectiva, parte do Nós brasileiro. Em primeiro lugar, porque na formação do Brasil também inclui o contributo dos imigrantes galegos, e, depois, porque dá a sensação de que, ao olhar o Outro, estamos também olhando para nós próprios¹⁰; portanto, ao falar da Galiza e dos galegos, também está a falar do Brasil e dos brasileiros.

⁹ Algumas dessas pessoas que tenhem também imigrantes no passado da história familiar aproveitam a via que lhes oferecem os *Cadernos Galegos*, editados pola Universidade Federal Fluminense, para mostrar alguns «exercícios literários» que tenhem como tema de fundo a Galiza e a vida dos imigrantes galegos no Brasil. Como exemplo, pode ver-se o número 2 dessa publicação (cfr. pp. 239-262).

¹⁰ Sobre isto resultam interessantes as palavras de D.-H. Pageaux quando fala «De l’imagerie culturelle à l’imaginaire» (1989, 133-183) e comenta:

«Je ‘regarde’ l’Autre; mais l’image de l’Autre véhicule aussi une certaine image de moi-même. Impossible d’éviter que l’image de l’Autre, à un niveau individuel (un écrivain), collectif (une société, un pays, une nation), ou semi-collectif (une famille de pensée, une ‘opinion’), n’apparaisse aussi comme la négation de l’Autre, le complément, le prolongement de mon propre corps et de mon propre espace. Je veux dire l’Autre (pour d’impérieuses et complexes raisons, le plus souvent) et, en disant l’Autre, je le nie et me dis moi-même. D’une certaine manière, je dis aussi le monde qui m’entoure, je dis le lieu d’où sont partis le ‘regard’, le jugement sur l’Autre: l’image de l’Autre révèle les relations que j’établis entre le monde (espace originel et étranger) et moi-même [...]» (p. 137). Cfr. também Figueroa (1996: 9-13).

4. A PRESENÇA DE ‘CENÁRIOS MÍTICOS’

Nessas escolhas de materiais repertoriais destaca especialmente a presença daquilo que Machado/Pageaux (1988: 129) definem como «*cenários míticos*», como é o caso de Fisterra, Santiago de Compostela ou o Cebreiro, e, em geral, da Galiza. Trata-se de localidades também mui presentes, sobretudo Fisterra e Santiago, nos poemas doutros imigrantes galegos ou filhos destes, no Brasil destes últimos anos, como é o caso de *Reynaldo Valinho* («Poemas do exílio», in Maleval, 1998: 241-245); onde, de algum modo, também se percebe aquilo que Machado e Pageaux explicam quando falam (1988: 67) de que «acontece que muitas vezes o espaço estrangeiro é envolvido num *processus* de mitificação: o espaço, na imagem da cultura, não é contínuo nem homogêneo; um pensamento mítico valoriza certos lugares, isola outros, condena outros ainda».

É talvez por isso que, como vemos, as imagens presentes (referidas a tempo, a espaço, a atitudes...), sobretudo nos textos da autora carioca, som deliberadamente escolhidas, reincidindo nesse retrato a preto e branco da realidade galega, umha realidade que, na trajetória de Nélide Piñon, parece nom ter conhecido a época da fotografia a cores.

Nélide Piñon transfere do sistema galego materiais para o sistema brasileiro, alguns deles elementos da realidade galega que propositadamente som seleccionados por serem desconhecidos (ou pouco conhecidos) no Brasil, e utiliza-os com vontade mitificadora ou mesmo exotizante¹¹. Um copo de vinho do Ribeiro, um centolo, um cozido galego..., qualquer um desses elementos serve para a *transferência* que pretende. Outras vezes, os aspectos galegos que selecciona funcionam da mesma maneira no espaço social brasileiro (as relações de família ou de parentesco em geral, as viagens de aprendizagem...).

Mas se a escritora Nélide Piñon se mostra consciente nas suas escolhas à hora de configurar o repertório de que se serve em cada obra, também conhece bem os estereótipos que funcionam no imaginário brasileiro relativos ao galego¹². Para eles, o habitante da Galiza é alguém pobre que abandona o seu país com o fim de prosperar, trabalha incansavelmente, nom dá importância à formação pessoal em termos culturais, porque em geral é visto como alguém bruto, rústico, incivil, rude, pessoa de ‘baixa

¹¹ Cfr. Machado/Pageaux (1988: 58). A situação que estes dous professores descrevem (1988: 43) em relação à imagem que as terras ibéricas provocavam nos finais do século XIX para alguns viajantes do norte europeu, é mui semelhante à imagem quase «pitoresca» que a Galiza retratada nos textos nelidianos (especialmente em *A República dos Sonhos*) pode significar para determinados leitores brasileiros que se debruçam sobre este romance.

¹² Estereótipos que nom se configuram de um dia para o outro, e que se constroem por diferentes circunstâncias.

condição' («atributos» todos eles que já tinha em Portugal); portanto não se considera que 'limpem ou abranquem a raça' (como se esperava dos europeus) nem que tragam civilização para o país (Bacelar, 1994: 31).

Nélida Piñon parece conhecer isso¹³, e incorpora-o ao retrato que oferece no romance de 1984. Sabe que se nom o fgesse, estaria batendo contra o estereótipo, e talvez a recepçom da sua obra entre o público se visse desfavorecida.

A escritora procura a memória colectiva daqueles em que a imigraçom galega tem um significado mui forte, e joga ficcionalmente com isso, e também comercialmente, porque boa parte da promoçom da sua obra (incluída a feita pela editora) se baseou na insistência de determinadas escolhas repertoriais, sobretudo no tema da imigraçom galega para o Brasil e o papel que esses imigrantes tivérom na construçom do país que está a repensar. E mais ainda, na Galiza, antes de partir, 'a república dos sonhos' é a América, o Brasil; mas, já no Brasil, e com a passagem dos anos ainda mais, a referência da terra de origem fica sendo cada vez mais o espaço do sonho, envolta em referências oníricas (tanto espaciais como temporais). Inverte-se um pouco a equaçom dos elementos do título, de modo que, se existe umha terra dos sonhos brasileira, noutro momento é a Galiza a terra sonhada.

A presença de N. Piñon, nessa altura, em publicaçoms destinadas basicamente a um público de fortes raízes galegas (e em geral, espanholas), como também naquelas outras promovidas, em parte, pelo Núcleo de Estudos Galegos da Universidade Federal Fluminense mostra a posiçom de prestígio que, entre essa comunidade, tem a autora de *A República dos Sonhos*. A maioria das suas escolhas repertoriais coincidem plenamente com o repertório priorizado por esse tipo de consumidores. Apesar de se tratar de umha rede reduzida de relaçoms, é possível detectar os macro-factores que, segundo Itamar Even-Zohar (1999), funcionam num sistema literário nesta comunidade de origem galego-espanhola: existem (poucos) *produtores* (Nélida Piñon, Reynaldo Valinho, ou Arino de Mattos e algum outro nome); um *mercado* reduzido, mas que consome boa parte dessa produçom-*produtos* (muitas vezes mais por nostalgia do que por interesse cultural ou literário; primando menos o chamado por alguns 'interesse estético' do que o de um certo 'patriotismo' de que falam outros); o *repertório* também nom é mui alargado, mas nutre-se especialmente de referências temáticas, espaciais e temporais que falam da Galiza, e que colocam essas escolhas como o repertório cano-nizado; a *instituiçom* é precária, mas conta com alguns críticos literários (Dalma Nascimento, M. do Amparo Tavares Maleval, Diva Vasconcellos da Rocha, Maria

¹³ Como também o antropólogo Jefferson Bacelar, que pretendeu, na sua obra de 1994 (onde desfai em parte o mito histórico de que a Bahia é o paraíso de todas as raças), privilegiar «a análise de um grupo minoritário, de cultura dominada até em seu próprio território e, por sua vez, amplamente discriminado e estigmatizado no Brasil» (p. 17).

Alice Aguiar, Maria Consuelo Cunha Campos...; aquilo que nós chamaremos de umha crítica homóloga), algumas revistas e jornais (como exemplo o *Jornal de Espanha*), um órgão universitário como é o Centro de Estudos Galegos, e outros centros culturais criados polos imigrantes que ficárom no país americano (especialmente no Rio de Janeiro e no Salvador da Bahia). Nesse sentido, parece mesmo possível falar de um *sistema paralelo* galego-espanhol (ou mesmo *parassistema*¹⁴) que funciona por vezes em paralelo ao sistema literário brasileiro, mas que nom pretende impugná-lo (como também nom um sistema espanhol a que, em menor medida, se sente ligado) nem substituí-lo e com que comparte a maioria desses macro-factores. Simplesmente parece querer mostrar umha singularidade, umha apropriação de redes de relações culturais e lingüísticas que nom chegam a constituir propriamente um sub-sistema (que faria parte directamente do polissistema).

De modo que, alguns desses produtores ocupam posições centrais nesse *parassistema* e posições mais periféricas no sistema literário brasileiro (como acontece em boa parte com Reynaldo Valinho), e determinados materiais repertoriais que naquele som canonizados (sobretudo referido a escolhas temáticas que falam de imigração, exílio, saudade, da Galiza, de Santiago de Compostela, de aldeias remotas...; e também ao género poético, o preferido por estes produtores, a maioria deles iniciando-se ainda no ofício), nom o som neste.

Ao analisar a trajectória de *Reynaldo Valinho Álvarez*¹⁵, por exemplo, notamos a sua presença freqüente nas publicações organizadas polo Núcleo de Estudos Galegos-UFF sobre a Galiza que pensa conhecer bem, mas que tem idealizada¹⁶, como é o caso

¹⁴ Etiqueta que utilizamos no *Grupo de Investigação Galabra dos sistemas culturais galego, luso, brasileiro e africano de língua portuguesa* da USC. Vid. Torres, 2004: 429, n. 8.

¹⁵ A sua presença é freqüente nas publicações organizadas pola professora M. do Amparo Tavares Maleval sobre a Galiza, como é o caso da sua «crônica sentimental da diáspora galega às margens da Guanabara, na primeira metade deste século» (Valinho, 1996: 121-128), e mesmo publicou alguns poemas com esse tema («Poemas Galegos») nas *Actas das II Jornadas UFF de Cultura Galega*, organizadas por Maleval, e publicadas conjuntamente polo Núcleo de Estudos Galegos-Universidade Federal Fluminense e a Xunta da Galiza, 1995, pp. 147-158. Cfr. Nascimento (1998: 221-238).

¹⁶ Como também se percebe na leitura de determinados textos poéticos seus que falam da Galiza: «A barca de pedra», «Emigração», «O exílio na pele» ou em «Périplo e Rapsódia», todos eles publicados in Maleval (1995: 147-158) e no livro *O continente e a ilha*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1995. Sobre essa produção, a professora Dalma Nascimento comentou (Nascimento, 1998: 222):

Porém, nos seus poemas mais recentes –alguns ainda inéditos, outros publicados–, a Galiza tem sido o espaço mítico de sua grande busca. É para lá que seus sonhos poéticos caminham, impulsionados pela lembrança da terra distante gerando angústia, este estreitamento psicológico de ambíguas causas que, para Kierkegaard, conduz à redenção. Distante das matrizes ancestrais, mas sentimentalmente a elas ligado, o universo galego, nas fantasias do imaginário de Valinho, configura o paraíso idealizado, seu Graal redentor. Em demanda literária, revive então pela escrita a utopia do regresso, *leitmotiv* que atravessa a literatura ocidental desde a Antigüidade, não raro constelado ao de náuticas travessias, como no périplo de Ulisses.

da sua «*Crônica sentimental da diáspora galega às margens da Guanabara, na primeira metade deste século*» (1996), e mesmo publicou alguns poemas com esse tema («Poemas Galegos»), e, por colocar umha amostra mais evidente destes usos repertoriais, o livro *Das rias ao mar oceano*.

O caso de Nélida Piñon é bastante diferente, porque apesar de estar já desde criança mui vinculada a essa comunidade de origem galega e espanhola, e de ter participado nas suas publicaçõs e Encontros ao longo da sua dilatada carreira como escritora, a sua posiçom de prestígio nesse meio coincide com a posiçom central que ocupa no campo literário brasileiro e que termina por prestigiar também esse *parasistema* galego. A singularidade que a marcou por esses motivos terminou por contribuir para destacar a sua posiçom.

Para um leitor brasileiro, desconhecedor em geral da existência dessa rede sistémica entre os galegos residentes no seu país, a interpretaçom que fai dessas escolhas repertoriais da parte da produtora Nélida Piñon é bastante diferente da de um galego ou descendente de galegos, e a dúvida consiste em saber onde coloca e como interpreta essa presença galega num romance como *A República dos Sonhos* (para além das referências noutros textos da autora), aparecido justamente quando o país está às portas daquilo que durante anos foi um sonho colectivo: a chegada da democracia, de umha nova república¹⁷, a «república dos sonhos» para muitos brasileiros.

Nas resenhas e entrevistas a partir da publicaçom do romance, a opiniom generalizada entre os críticos e leitores leva a colocar esta questom galega como um assunto pessoal da autora, como um problema próprio que ela precisa solucionar e que para isso escolhe a via que melhor conhece pola sua biografia familiar, de marcada origem galega («Literatura. Lançamento. ‘Mergulho no passado’», *Visão*, 24/9/84,). De modo geral, percebemos que essa presença galega é vista por um sector amplo de leitores brasileiros quase como anedótica, porque, em geral, entendem que em vez disso mui bem poderíamos estar falando de italianos, de alemans, de portugueses ou de japoneses, por citar alguns dos núcleos populacionais que mais presença tenhem no complexo humano que é o Brasil. Acontece que essa ligaçom Galiza-Brasil que Nélida Piñon estabelece, como sabemos, em vários momentos da sua carreira literária, e de que *RS*

¹⁷ E deixar atrás vinte e um anos de pesadelo:

Foram longos vinte e um anos de insegurança, de incertezas, pois não sabíamos se, saindo para o trabalho, voltaríamos ou não ao lar. Foram vinte e um anos de sobressaltos, de mal dormir por medo de ver a sua porta arrombada, os seus livros destruídos, as pessoas seqüestradas, desaparecidas, torturadas. Foram vinte e um anos de atribulações, de perda de emprego, por não tripudiar da verdade junto aos alunos, junto aos companheiros. Vinte e um anos de infelicidade, de famílias inseguras, de separação de casais, de finados, de exílios internos e externos. (Emir Amed, «Ficam os dedos, vão-se...», *Vitrô*, Março, 1985, p. 8).

é um bom exemplo, poucas vezes é vista como a apresenta a professora e ensaísta Nelly Novaes Coelho, quem chama a atenção para que:

não se veja algo circunstancial ou limitadamente individual, pelo fato de a autora ser de ascendência espanhola ou galega. Tal fusão, no romance, tem raízes mais profundas. É só lembrarmos, por exemplo, que a Galiza está nas origens da literatura portuguesa e que esta nos serviu de origem.

A ensaísta paulista faz precisamente a *viagem* que poucos leitores de *A República dos Sonhos* parecem fazer a partir da leitura do livro¹⁸. E lembra que a poesia trovadoresca,

primeira célula da Poesia Portuguesa (e conseqüentemente das demais literaturas de expressão portuguesa, como a brasileira) era cantada em dialeto galego-português. Portanto, a língua que está nas origens da nossa literatura nasceu na Galiza e em Portugal. E mais não precisaríamos dizer para se avaliar a importância desse húmus arcaico em nossa formação.

Segundo isto, conhecer parte da história galega seria conhecer umha parte da história brasileira, e a imigração galega ao Brasil um pouco a desculpa para trazer à superfície esse passado esquecido por muitos, numha viagem que se remonta às origens, em parte à fundação do país (portanto mesmo seria possível falar de ‘romance de fundação’).

Essa Galiza que a partir da obra nelidiana alguns querem dar a conhecer ou descobrir existe sob clichês e estereótipos que a ocultam, que a modificam e simplificam, a começar pela imagem que a própria autora e mesmo outros escritores que ocupam posições sistêmicas mais periféricas oferecem umha e outra vez que falam desta questom.

Hoje no Brasil fala-se mais da Galiza, em determinados sectores, mas as imagens ainda estão condicionadas pelo imaginário criado em boa parte pelas imagens literárias destes e doutros autores, dos nevoeiros do tempo cronológico e das pedras da história que nos explica, galegos e brasileiros.

¹⁸ Entre as exceções está também a professora da UFRJ, Carmen Lúcia Tindó Secco, autora de vários trabalhos sobre a obra nelidiana (cfr. Secco, 1994: 204-205).

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amed, Emir (1985): «Ficam os dedos, vão...se». *Vitrô*, Março.
- Bacelar, Jefferson (1994): *Galegos no paraíso racial*. Bahia: Ianamá.
- Even-Zohar, Itamar (1999): «Polysystem Theory». *Poetics Today* 11:1 (Spring), 9-72.
- Even-Zohar, Itamar (2005): <http://www.tau.ac.il/~itamarez/> Última consulta: 21/12/06.
- Figueroa, Antón (1996): *Lecturas alleas. Sobre das relacións con outras literaturas*. Santiago de Compostela: Sotelo Blanco.
- Machado, A. M./Pageaux, D. H. (1988): *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70.
- Maleval, M. do A. Tavares (ed.) (1995): *Actas das II Xornadas UFF de Cultura Galega*. Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos Galegos-UFF/Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 147-158.
- Maleval, M. do A. Tavares (1999): *Peregrinação e poesia*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha.
- Nascimento, Dalma (1998): «Reynaldo Valinho Álvarez: a diáspora galego-existencial e a salvadora b(arca) da aliança poética». In M. do A. Tavares Maleval (ed.). *Estudos Galegos 2*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 241-245.
- Pageaux, Daniel-Henri (1989): «De l'imagerie culturelle à l'imaginaire». In P. Brunel/Y. Chevrel. *Précis de littérature comparée*. Paris: Presses Universitaires, 133-161.
- Rama, Ángel (1981): «Informe logístico (anti-boom) sobre las armas, estrategias y el campo de batalla de la nueva narrativa hispanoamericana». *Almanaque* 13, 7-32.
- Secco, Carmen L. Tindô (1994): *Além da idade da razão. Longevidade e saber na ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Graphia.

- Steen, Edla Van (1982): *Escrever e Viver*. Vol. II. Porto Alegre: L&PM/Brasília: INL, 197-228.
- Torres Feijó, Elias J. (2004): «Contributos sobre o objecto de estudo e metodologia sistémica. Sistemas literários e literaturas nacionais». In A. Tarrío/A. Abuín (coords.). *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas da península ibérica*. Santiago de Compostela: Edicións da Universidade de Santiago, 423-444.
- Villarino Pardo, M. C. (2000): *Aproximación à obra de Nélida Piñon. A República dos Sonhos. A trajectória literária de Nélida Piñon no sistema literário brasileiro da segunda metade do século XX*, Univ. de Santiago de Compostela, CD-Rom.
- Villarino Pardo, M. C. (2001): «A Galiza sonhada por alguns escritores brasileiros», *Nova Renascença* 72/73 (Monográfico: Galiza), Inverno/Primavera 1999, vol. XIX, 329-341.